

CHIMBANGUE

Na madrugada de 1º de novembro último, sob comando de Pedro Cornélio Seg Seg, aproximadamente cem índios oriundos do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, armados de revólveres, espingardas, facões e foices, invadiram o Toldo Chimbangue a fim de "resolver seus problemas", segundo Seg Seg.

Três índios da reserva foram atingidos a bala: Romildo da Veiga Pekã, João Carlos Gonçalves e Pedro Antunes; outros ainda foram presos e amarrados. Depois disso, os invasores carregaram pertences de nove famílias e as retiraram à força da Reserva, descarregando as mudanças no Seminário Diocesano de Chapecó. Tudo isso se deu, conforme depoimentos de índios, com a participação da Funai que teve inclusive seu caminhão utilizado no transporte das mudanças e um outro fretado cujo motorista alegou ter recebido pagamento do órgão tutor indígena. Fora da aldeia as famílias ficaram precariamente alojadas; na aldeia, seus pertences foram alvo do vandalismo dos invasores que se alimentavam de suas criações e impediam a saída do pessoal da Reserva. Somente mais de um mês depois da expulsão, a

2 de dezembro p.p., as famílias puderam voltar ao Toldo, após a retirada dos invasores em cumprimento à liminar de reintegração de posse concedida à comunidade Kaingang. Revoltados com essa decisão, os índios que haviam invadido o Toldo e foram retirados da área encaminharam a alguns órgãos públicos telex contendo acusações contra o Cimi por "deturpar e manipular os interesses indígenas em favor de brancos e mestiços" e solicitaram à Funai revisão do laudo antropológico que fundamentou a identificação dos índios do Toldo Chimbangue. A 4 de dezembro último, a Funai impetrou mandado de segurança contra a decisão do Juiz Federal de Santa Catarina que concedeu liminar de reintegração de posse à comunidade indígena Kaingang.



Discriminados pelo superintendente da Funai de Curitiba, os Kaingang do Toldo Chimbangue têm suas terras invadidas. Caminhões da Funai e outro por ela contratado são utilizados no transporte da mudança, durante a expulsão

Funai ajuda a invadir reserva

A nova etapa de transtornos no Toldo Chimbangue teve início quando a Funai transferiu para lá oito famílias kaingang de outras áreas, contrariando decisão de assembléia da comunidade com o apoio apenas do ex-cacique Clemente Fortes, o que criou um foco de atrito entre os índios.

O fato foi comunicado ao superintendente regional do órgão que prometeu respeitar o cacique eleito pela comunidade. Na eleição deu Jucelino Siqueira Foreng que reafirmou a vontade da comunidade de retirada das famílias transferidas e não permissão de um Posto dentro da área, "entre nós, nós decidimos não ter chefe de posto, não ter posto" afirma a índia Maria Conceição Gandão.

A Funai não se conformou com tal decisão e por duas vezes representantes do Conselho Regional Indígena de Guarapuava (CRIG), liderados por Pedro Seg Seg solicitaram reunião com Jucelino na sede da Funai em

Chapecó. A reunião não aconteceu tendo em vista a posição do cacique: "Eu não vou fazer a reunião sozinho, o lugar de reunião é dentro da comunidade", disse, mas Seg Seg não concordou.

Ao mesmo tempo, o superintendente da Funai em Curitiba passou a ensaiar distinção entre os índios "puros" e "mestiços" do Toldo Chimbangue e, mais tarde a alegação dos invasores para expulsão das famílias seria justamente a de se tratar de não-índios. Cabe esclarecer que os expulsos constam do processo Funai/BSB/0975/83 como também da lista dos índios mais combativos da Reserva.

Depois da tentativa de impedir a entrada do Cimi no Toldo com a acusação de que ele seria a causa de conflitos na área, a Funai marcou por intermédio do cacique de Nonoi, uma reunião com Jucelino. A reunião não aconteceu mas o cacique alertou Jucelino "que a coisa tava armada pra

nós" conta Romildo da Veiga Pekã.

O plano de invasão foi imediatamente comunicado à Procuradoria Geral da República por telex. Porém, "no outro dia de manhã cedo, 5 horas da manhã eles bateram, cento e tantos homens. Eles tinham tudo quanto é tipo de arma, espingarda, revólver, tudo quanto é arma que a gente não conhece" conta Maria da Conceição, que acrescenta: "Depois eles carregaram nossas mudanças para Xanxerê, na casa do Alberto, (NR: Coordenador do Cimi na região) e lá eles jogaram nossa mudança na rua, quebrou tudo. O caminhão da Funai e o chefe do Posto lá da nossa área, que levou, o João Batista. Perguntei por que eles queriam tirar nós de lá. Ele disse que é porque vocês tava contra nós e vocês são brancos".

PARTICIPAÇÃO DA FUNAI

Segundo Romero Jucá Filho, presidente da Funai "a informação que a

gente tem é que estariam envolvidos índios e alguns funcionários da Funai que não agiam como funcionários da Funai mas como índios".

Porém a denúncia das famílias expulsas é que representantes da Funai, incluindo o delegado Sebastião Fernandes, estariam envolvidos na invasão e expulsão dos índios.

"A Funai não tem jeito de dizer que ela não estava no meio disso aí, porque eles (os invasores) ficaram oito dias dentro da Funai fazendo reunião e vendo como é que eles iam fazer para expulsar nós de lá" diz Romildo da Veiga.

Romero Jucá Filho disse ainda que não pretende retirar das aldeias as missões indígenas mediante os acontecimentos, que, segundo coloca, teve o envolvimento de Wilmar D'Angelis que trabalha no Cimi, mas não descartou a possibilidade de regular a atuação das missões em área indígena com a criação de "padrões de ação conjunta".